

“SEQUÊNCIA”, DE GUIMARÃES ROSA: A VIAGEM DO SER NO SER-TÃO.

Fabrício Lemos da Costa*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a transformação do Ser no conto “Sequência”, décima narrativa, do livro *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa. A transformação do Ser dá-se no cotidiano dos Gerais, em um fato banal, a fuga de uma vaca, e a viagem do sujeito que a persegue pelo Ser-tão. A viagem transformadora recoloca o homem em um novo plano, o qual tem como valor simbólico a passagem do rio e suas modificações, numa espécie de necessária transferência de experiências, que são assimiladas ao decorrer das andanças. “Sequência” coloca o homem em movimento, isto é, em processo de conhecimento e procura na geografia que o projeta para uma dimensão existencial humana, onde é possível filosoficamente conhecer-se.

Palavras-Chave: “Sequência”; *Primeiras Estórias*, Guimarães Rosa; Viagem; Ser.

**GUIMARÃES ROSA’S “SEQUÊNCIA”: THE SELF VOYAGE IN THE
 BACKWOODS**

Abstract: The present paper aims at reflecting upon the change of the Self in the tale entitled “Sequência”, tenth narrative of Guimarães Rosa’s work *Primeiras Estórias*. This change happens in the Gerais’ day-to-day life, apparently from a meaningless fact: the flee of a cow and the trip of the character who pursuits it in the backwoods. The changing ‘voyage’ reinserts the man on a new plan which has as its symbolic value the passage of the river and its changes on a sort of interchange of experiences, apprehended along the path. “Sequência” puts the man on a move, thusly in full process of acknowledgement and seek within this geography which projects him to an existential human dimension, where it is philosophically possible to know thyself.

Key-words: “Sequência”, *Primeiras Estórias*, Guimarães Rosa, Voyage; Self.

Todas as coisas estão em movimento.
 (Heráclito de Éfeso. frags.12)

“Ser” é o conceito mais universal e mais vazio.
 (Heidegger, *Ser e Tempo*)

E a vaca_ vitória, em seus ondes, por seus passos.
 (Rosa, “Sequência”)

1. A fuga da vaca: uma realidade transformada.

* Graduado e Licenciado em Letras-Língua Portuguesa pela UFPA-PA, Especialista em Produção de Material Didático e Formação de Leitores para a EJA pela UNIFAP-AP, Graduando em Filosofia pela UEAP-AP. E-mail: fabricao.lemos1987@yahoo.com.br.

*Primeiras Estórias*⁴⁴, de João Guimarães Rosa, como é possível verificar no conjunto das narrativas do livro, tem vocação para o cotidiano, o qual se emaranha com as “estórias” dos Gerais. Em “Sequência”⁴⁵, décimo conto, o mesmo cotidiano perfaz-se na fuga e perseguição da vaca pelo sertão, mas que ao mesmo tempo é o grande mistério da própria vida, que consiste em revelar aquilo que está oculto. Segundo Eduardo Coutinho (2013), “O mistério da vida reside na fase oculta dos objetos e, a fim de alcançá-lo, é preciso transpor a fachada externa, representada pelo senso comum.” (COUTINHO, 2013, p.48). O cotidiano, dessa forma, é o caminho da travessia, do percalço necessário do sujeito, ou ainda, do movimento do ser dentro da realidade “corriqueira” e “banal”. Eis um fragmento inicial de *S*:

Na estrada das Tabocas, uma vaca viajava. Vinha pelo meio do caminho, como uma criatura cristã. A vaquinha vermelha, a cor grossa e afundada- o tom intenso de azamar. Ela solevava as ancas, no trote balançado e manso, seus cascos no chão batiam poeira. Nem hesitava nas encruzilhadas. Sacudia os chifres, recurvos em coroa, e baixava testa, ao rumo, que reto a trazia, para o rio, e- para lá do rio- a terras de um Major Quitério, nos confins do dia, à fazenda do Pãodolhão. (*S*, p. 113)⁴⁶

Nesse sentido, o cotidiano, no caso de *S*, a fuga de uma vaca, redimensiona o sujeito para reflexões mais amplas, porque é no interior da vivência que o Ser se transforma. Assim, a vaca fugitiva tornar-se-á o motivo para o encontro consigo mesmo, para a amplitude de uma realidade, em que “os conflitos existenciais do homem ganham aqui uma dimensão maior e a realidade é focalizada por uma perspectiva mais ampla.” (COUTINHO, 2013, p.37). Ao fugir do pasto, a vaca arrasta consigo o homem pela geografia dos Gerais, uma paisagem que:

Não se trata de uma visão psicológica da terra sertão. É a sua própria realidade que se transmuda nesta segunda dimensão. Ele passa a não ser mais apenas território onde se cumpre um trajeto pois se confunde

⁴⁴ Cf. Coutinho, 2013, p.41: “Os contos de *Primeiras Estórias* são muito mais condensados e caracterizam-se por um tom filosófico acentuado. São ainda de tipo mais lírico e mais livres da estrutura tradicional do enredo. O livro compõe-se de 22 narrativas curtas, que constituem esboços da vida no sertão, baseados em assuntos variados, mas sobre temas não muito distantes, sempre voltados a uma preocupação com a relação do ser humano com o mundo. A realidade é apresentada por perspectivas diversas e os personagens são sempre focalizados em sua dinâmica e multiplicidade, mas as motivações que os levam a atuar têm frequentemente a mesma base: decifrar o mistério da vida e o sentido da existência humana.”

⁴⁵ Após essa citação de “Sequência” no corpo do texto, utilizaremos a abreviatura *S*.

⁴⁶ Todas as citações de “Sequência” se referem a essa edição (10ª ed.) e serão indicadas pela abreviatura *S*, seguida do número da página.

com as próprias possibilidades deste trajeto, que é o humano. (LIMA, 1969, p.72)

A vaca fugitiva resiste, sendo notada, tentam-na capturar, no entanto, sua existência e atitude estavam interligadas no mais profundo do Ser do personagem que a tenta rebater. O narrador, declara: “No Arcanjo, onde a estrada borda o povoado, foi notada, e, vendo que era uma rês fujã, tentaram rebatê-la; e se esvencilhou, feroz, e foi-se, porém. De beira dos pastos, os anus, que voavam cruzando-a, desvinham de pousar-lhe às costas.” (*S*, p.113). De acordo com Eduardo Coutinho (2013) em *Grande Sertão: veredas. Travessias*, a geografia é: “Também, ou até principalmente, o espaço existencial dos personagens, e a reconstituição, pela narração, de uma região humana e universal.” (COUTINHO, 2013, p. 28).

Em *S*, dessa forma, a região humana depende da atitude banal de uma vaca, que ao fugir, eleva o cotidiano para as mais nobres reflexões no que tange à mudança do Ser na paisagem, ou seja, em sua realidade, a qual se inicia com a viagem. O sujeito em *S*, portanto, encontra-se exposto à condição de mudança, proporcionado pelo tempo decorrido na busca do animal, assim como demanda da realidade que o insere numa nova experiência ao longo do trajeto. Estamos diante, assim, do Sertão-mundo, em uma geografia para além do simplesmente físico, é o espaço do descobrimento do Ser, o qual se revela na linguagem, como sublinha Coutinho:

Ela é, assim, além de uma região localizada geograficamente, um sertão-mundo e um sertão conscientemente construído na linguagem, ou seja, um universo que ultrapassa a pura referencialidade e se institui como espaço eminente da criação. (*Ibidem*, p.28)

Nessa paisagem e nesse fato, o rapaz decidiu-se ir em busca da vaquinha, cansando-se, por ora, e viajando muito nas incertezas e certezas do encontro com o mimoso animal. Antes da partida, o sujeito conhecia e via “do horizonte e sim” (*S*, p.115), mas tinha consciência do tempo, “a involuntária aventura” (*Ibidem*, p. 115) que o levaria para longe do Ser inicial. Em *S*, então, o homem é experimentado na própria modificação de si mesmo, porque ao entrar na aventura da captura do outro, acaba descobrindo a si mesmo. Vejamos como o narrador descreve o início da partida:

Já o rapaz se anorteava. Só via o horizonte e sim. Sabia o de uma vaquinha fugida: que, de alma, marca o rumo e faz atalhos-querençosa. Entrequanto, ele perguntava. Davam-lhe novas da arribada. Seu cavalo murça se aplicava, indo noutra forma, ligeiro. Sabia que coisa era o tempo, a involuntária aventura. E esquipava. Ia o longo, longo, longo. Deu patas à fantasia. Ali, escampava. Tempo sem chuvas, terrentas campinas, os tabuleiros tão sujos campos sem fisionomia. O rapaz ora se cansava. Desde aí, o muito descansou. Do que, após, se atormentava. Apertou. (*Ibidem*, p. 115)

2. Travessias: Viagens, o Rio e o Ser:

Benedito Nunes (2009) em *O dorso do tigre*, capítulo, “Guimarães Rosa”, afirma que o autor mineiro ao elaborar o tema da viagem, coloca-se no rol da literatura universal que se desenvolve no plano do espaço⁴⁷, como é possível verificar em *Odisseia*, de Homero, *Dom Quixote*, de Cervantes e *Ulisses*, de Joyce, por exemplo. Segundo Nunes: “Através do motivo da viagem, que está presente em quase toda a sua obra, de *Sagarana* a *Primeira estórias*, Guimarães Rosa liga-se às grandes expressões do romance de espaço” (NUNES 2009, p.167). Para Nunes, a viagem “transforma o mundo”, e diríamos, ainda, abre-se para a “rota” que é o próprio humano, que em Rosa, dá-se no plano da *poiesis*, da criação, isto é, da linguagem e sua manifestação humana, porque “Somos, antes de tudo, na linguagem e pela linguagem” (HEIDEGGER, 2011, p.191), nascendo-se do natural da paisagem. Nunes, sublinha:

Para Guimarães Rosa, não há, de um lado, o mundo, e, de outro, o homem que o atravessa. Além de viajante, o homem é a viagem-objeto e sujeito da travessia, em cujo processo o mundo se faz. Ele atravessa a realidade conhecendo-a, e conhece-a mediante a ação da *poiesis* originária, dessa atividade criadora, que nunca é tão profunda e soberana como no ato de nomeação das coisas, a partir do qual se opera a fundação do ser pela palavra, de que fala Heidegger. (*Ibidem*, p. 172)

O sertão dos gerais é o espaço da viagem, é onde o homem “transborda” em experiência, assim como é o lugar que o sujeito converte o mundo em existência transformadora. A vaca e o rapaz fazem parte naturalmente da paisagem, são uma coisa só, pois estão inter cruzados no destino que se “desabrocha” do Ser. Desanimava, o

⁴⁷ Cf. Nunes, 2009, p. 167: Nesse sentido, o sertão de Guimarães Rosa coloca-se no mesmo plano da Mancha de Cervantes e da Dublin de Joyce. É o espaço que se abre em viagem, e que a viagem converte em mundo. Sem limites fixos, lugar que abrange todos os lugares, o sertão congrega o perto e o longe, o que a vista alcança e o que só a imaginação pode ver.”

rapaz, mas caminhava na viagem, que tinha a vaca em vanguarda: “Pensou de arrepender caminho, suspender aquilo para mais tarde. Pensou palavra. O estúpido em que se julgava. Desanimadamente, ele, malandante, podia tirar atrás. Aonde um animal o levava?” (S, p.115).

A viagem na narrativa S, tem como fundamento a incerteza e como evidência o sujeito em mudança. Vale ressaltar, que entendemos a mudança, aqui, em sentido filosófico, como pensou Heráclito e mais tarde foi reelaborado pelo alemão Martin Heidegger. Assim, Heráclito, Pré-Socrático de Éfeso, afirma: “Todas as coisas estão em mudança” (HERÁCLITO, frags.12). Em S, cada passo do rapaz, é modificação de si, para usarmos uma imagem do filósofo de Éfeso, a longa geografia dos gerais, é como um rio que entramos, e, a partir dele, somos todos outros. No entanto, o conhecimento e mudança do eu, dá-se na relação com o outro, num diálogo no mundo, proporcionado pela linguagem, como comenta Betina R.R da Cunha (2009) em *Um tecelão ancestral: Guimarães Rosa e o discurso mítico*:

Essa relação entre o eu e o outro propõe que cada pessoa ocupe um lugar e um tempo específico no mundo e, portanto, seja responsável por atos e atividades que, na verdade, são fronteiras entre esse eu e esse outro. O eu vai existir em diálogos com outros “eus”; é uma sorte de colaboração para se reconhecer a si próprio. (CUNHA, 2009, p.25)

Em Guimarães Rosa, os bichos fazem parte da paisagem, sobretudo no que diz respeito à relação com o humano. Benedito Nunes (2013) em *Bichos, plantas e malucos no sertão mineiro*, desenvolve que: “Assim, os bichos e as plantas não são apenas naturais, mas seres pervasivos que a nós aderem e que em nós se instalam. Além disso, convergem, todos ou quase durante a ação narrada.” (NUNES, 2013, p.279). É nesse sentido, que entendemos a vaca em sua fuga, em um processo que converge, como declara Nunes, no desencontro e encontro, que tem como cerne o revelar do Ser, que, como já foi dito, só é possível na viagem, porque é no acúmulo de vivências e no tempo que o sujeito É:

O rapaz, durante e tanto, montado no bom cavalo, à espora avante, galgando. Sempre e agudamente olhava. Podia seguir com os olhos como o rastro se formava. Só perseguia a paisagem. Preparava-se uma vastidão: de manchas cinzas e amarelas. O céu também em amarelo. Pitavam extensões de campo, no virar do sol, das queimadas; altas,

mais altas, azuis, as fumaças desmanchavam-se. *O rapaz-desdobrada vida- se pensou: “_ seja o que seja.”*⁴⁸ (S, p.116)

“_Seja o que seja”, faz parte da presença, simplesmente é, desembocando-se na narrativa em coragem e transposição, isto é, passagem para o outro lado que é o próprio Ser transformado. A vaca e o rapaz atravessarão o rio, é o entrelugar, o absorto, ou ainda, a grande imagem modificada do Ser no tempo⁴⁹ e espaço. Vejamos: “Com horas de diferença, a vaquinha providenciava. Aqui alta cerca a parou, foi seguindo-a, beira, beira. Dava num córrego. No córrego a vaquinha entrou, veio vindo, dentro d’água” (*Ibidem*, p.115). É nessa presença que o homem É, no espaço e no tempo, é que o sujeito continua Sendo. O rapaz ganha consciência do mundo, a medida que vai se percebendo no tempo, como Ser no mundo⁵⁰. Segundo Heidegger (2011) em *O Ser e Tempo*:

A presença é um sendo, que em seu ser relaciona-se com esse ser numa compreensão. Com isso, indica-se o conceito formal de existência. A presença existe. A presença é ademais um sendo, que sempre eu mesmo sou. Ser sempre minha pertence à existência da presença como condição de propriedade e impropriedade. (HEIDEGGER, 2011, p.98)

Em S, a coragem é tarefa e consciência do perigo que é atravessar o rio, imagem da mudança, e, ao mesmo tempo é presença do Ser no mundo, como pensa Heidegger. No rio, o sujeito atravessa a paisagem de si mesmo, a geografia humana que é o próprio Ser na conjuntura no Tempo. Assim, o rio é o não-lugar, o espaço da passagem e do mergulho em movimentos novos, que se projetam em novas relações, em novidade, “_Seja o que seja.” (S, p.116). Fala-se em futuro fundado, como pensa Nunes (2017) ao comentar Heidegger: “O futuro fundado o poder-ser da existência, o passado fundando o ser-no-mundo fáctico e o presente a queda são, cada qual, um êxtase, um sair fora.” (NUNES, 2017, p.52). Inicia-se a travessia do Ser:

⁴⁸ O grifo é nosso.

⁴⁹ Cf. Nunes, 2017, p.52: “A *temporalidade* só pode abranger o homem como um todo, porque se remete (e nos remete) à morte, ao inultrapassável fim do ser-no-mundo, sua mais extrema possibilidade. Diante dela, lograríamos a compreensão própria de nós mesmos, tornando-nos aquilo que verdadeiramente somos.”

⁵⁰ Cf. Heidegger, 2011, p. 99: “O ‘em-um-mundo’; como relação a este momento, impõe-se a tarefa de indagar sobre a estrutura ontológica de ‘mundo’ e determinar a ideia de mundanidade como tal.”

OCCURSUS

REVISTA DE FILOSOFIA

Aí, subia também ao morro, de onde muito se enxergava: antes das portas do longe, as colinas convalares- e um rio, em suas baixadas, em sua várzea empalmeirada. O rio, liso e brilhante, de movimentos invisíveis. *Como cortando o mundo em dois, no caminho se atravessava- sem som.*⁵¹ Seriam buracos negros, as sombras perto das margens. (*Ibidem*, p. 116)

O rapaz, como foi dito, projeta-se no meio, movimentando-se no espaço físico e na relação com o outro, a vaca que o guia à travessia do rio. A relação desenvolve-se como necessária condição do ser-no-mundo, como sublinha Nunes (2017) em *Introdução à leitura de Heidegger*: “Ora, ser-no-mundo é concomitante e imediatamente parte o circuito da convivência e, portanto, ser com outros, entre o imergir no meio do ente e o projetar que o transcende.” (NUNES, 2017, p.18). Nessa projeção, o rapaz continua no caminho do rio, da travessia, mas primeiro, a vaca:

Depois dos destornamentos, a vaquinha chegava à beira, às derradeiras canas-bravas. Com roubada rapidez, ia a levantar o desterro. Foi uma mexidinho figura- quase que mal os dois chifres nadando- a vaca vermelha o transpondo, a esse rio, de tardinha; que em setembro. Sob o céu que recebia a noite, e que as fumaças chamava. (*S*, p.116)

Heráclito de Éfeso em um de seus fragmentos, declara: “Para os que entram nos mesmos rios, correm outras e novas águas” (HERÁCLITO, frags.12). A partir do excerto do filósofo grego, poder-se-ia interpretar o conto de Guimarães Rosa, que coloca o rapaz e a vaca numa travessia úmida, para que a alma seja projetada no próprio Ser. Ainda Segundo Heráclito, “Mas também almas são exaladas do úmido (HERÁCLITO, frags.12). A vaca atravessa, retornando à origem, revelando ao homem o que estava oculto, do outro lado do rio, como demonstra o narrador no trecho seguinte:

Outrarte o ouro esboço de crepúsculo. O rapaz, o cavalo bom, como vinham, contornando. Antes do rio não viam: as aves, que já tinham. À beira, na tardoção, não queria desastrar-se, de nada; pensava. Às pausas, parte por parte. Não ouviu sino de vésperas. *Tinha de perder de ganhar? Já que sim e já que não, pensou assim: jamais jamenos...*⁵² _ o filho de seo Rigério. (*S*, p.117)

⁵¹ O grifo é nosso.

⁵² O grifo é nosso.

“Tinha de perder de ganhar?”, é a reflexão necessária do filho de seo Rigério. Mas o que seria perdido? qual o ganho? A incerteza poderia ser a única resposta, o futuro do ser-no-mundo é fundado em perguntas. Segue o nosso personagem: “Por certo não passaria, sem o que ele mesmo não sabia_ a oculta, súbita saudade. Passo extremo! Pegou a descalçar as botas. E entrou- de peito feito. Àquelas quilas águas trans_ às braças. *Era um rio e seu além. Estava, já, do outro lado.*⁵³ (*Ibidem*, 117). Nesse sentido, o rapaz é lançado no mundo, pela curiosidade, sendo “absorvido pelo mundo”, como argumenta Heidegger (2011) em *Ser e Tempo*:

Decair no “mundo” indica o empenho da convivência, na medida em que esta é conduzida pela falação, curiosidade e ambiguidade. O que anteriormente denominamos de impropriedade da presença recebe agora, com a interpretação da decadência, uma determinação mais precisa. Impróprio e não próprio não significam, de forma alguma, “propriamente não”. Impropriedade também não diz não mais ser e estar no mundo. Ao contrário, constitui justamente um modo especial de ser-no-mundo em que é totalmente absorvido pelo “mundo” e pela copresença dos outros no impessoal. (HEIDEGGER, 2011, pp. 240-241)

Em *S*, portanto, o ser é lançado no mundo, movimentando-se em incertezas que se colocam na situação das experiências, o qual no conto, dá-se por meio da imagem do rio e sua passagem. O ser viaja em *S*, para além do espaço físico, para isso, converge para a “geografia” interna, que é o ser conhecendo-se na relação com o outro, ou impulsionado por ele, como é possível verificar, literariamente, no caso da fuga da vaca e as transformações proporcionadas por ela ao longo do percurso. Nunes (2013), explica: “Viajam os personagens rosianos de várias maneiras. Viajam quando pastoreiam, quando plantam, quando gerreiam, quando festejam. A condição deles é andeja.” (NUNES, 2013, pp.274-275). Na narrativa *S*, o personagem viaja para recapturar o animal fugitivo, no entanto, a partir da praticidade do cotidiano, isto é, reconduzir a vaca ao lugar original, acaba descobrindo-se no “rio e seu além” (*S*, p.117).

“Pegou a descalçar as botas. E entrou- de peito feito” (*Ibidem*, p.117), foi a atitude do sujeito, ao ficar de frente daquele rio, num estado cheio de alma e força em relação ao pertencer ao mundo, seu ser-no-mundo. É nesse lançar-se que o homem conhece a verdade, descobre o encoberto, é o estado de maior latência daquilo que é

⁵³ O grifo é nosso.

vivo, como sublinha Heidegger (2011) em *O Caminho da Linguagem*: “O vivo pode desencobrir no encobrimento tudo o que de seu modo específico vigora junto com ele, permitindo a sua verdade.” (HEIDEGGER, 2011, p.52). Dessa forma, consideramos a perspectiva do personagem na narrativa, um ser cheio de alma, aquele que desejou as “águas trans” (*S*, p. 117). Ainda segundo Heidegger:

Somente o que vive cheio de alma é capaz de preencher essa sua determinação essencial. Por força dessa capacidade, o que assim vive é útil para a consonância pela qual tudo o que vive se copertence. Seguindo essa referência à utilidade, tudo o que vive é útil, ou seja, bom. Mas o bem é dolorosamente bom. (HEIDEGGER, 2011, p.52)

3. “Sequência” e “Alongo-me”: um breve diálogo pelo rio.

Guimarães Rosa, em *Ave, Palavra* (2009), obra póstuma do autor mineiro, parece reconduzir o mesmo teor filosófico para o interior do poema “Alongo-me”, em que o eu-lírico alonga-se, como sugere o título, em uma experiência úmida, cujo rio é o espaço propício da experiência e do acúmulo do ser-no-mundo. O rio nasce ou confunde-se com o eu do indivíduo, constituindo-se em renascimentos, os quais nascem de idas em imagens marítimas, interligadas ritmicamente, portanto, em “amadurecida” e “ida”. Ei-lo na íntegra:

Alongo-me

O rio nasce
toda a vida.
Dá-se
ao mar a alma vivida.
A água amadurecida,
a face
ida.
O rio sempre renasce
A morte é vida.
(ROSA, 2009, p. 89)

“Alongo-me” é o prolongamento do Ser no mundo, o qual se lança no úmido, que é a própria alma. O sujeito tem consciência dos riscos, mas a viagem é necessária, fazendo-se parte do projeto que é a própria vida em movimento, cujas procedências estão na “água amadurecida” do rio que “sempre renasce”. O conto *S*, então, dialoga com o poema “Alongo-me”, na medida em que redimensiona o ser-no-mundo, como

pensou Heidegger. Assim, o rapaz e a vaca atravessam o córrego, chegam no destino, que não é o desfecho, pois o Ser está no mundo, experimentando-se, enquanto vive:

Chegava, chegavam. Os pastos da vasta fazenda. A vaca surgia-se na treva. Mugiu, arracadamente. Remugiu em fim. A um bago de luz, lá, lá. Às luzes que pontilhavam, acolá, as janelas da casa, grande. Só era uma luz de entretanto? A casa de um Major Quitério. (*S*, p.117)

“Chegava, chegavam”, indica como estavam inter-relacionados, o homem e a vaca, viajantes na mesma geografia que é a física e, arriscamo-nos a dizer, metafísica. *S* desenvolve-se para além do enredo apresentado na narrativa, porque são “pontilhados” e traçados que se constroem a medida em que o leitor elabora seus horizontes de expectativas, renovando a obra, experimentando-a, como argumenta Hans Robert Jauss (1994) em *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*: “A literatura como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra.” (JAUSS, 1994, p. 26).

4. Considerações Finais

“Sequência”, de João Guimarães Rosa, dá-se em viagem, ou seja, em movimento pelo Ser-tão, onde o Ser, no mundo, é lançado nas experiências com o outro, um rapaz que se inter-relaciona com uma vaca, que ao fugir, tornar-se-á guia do trajeto percorrido, um caminho incerto, mas que é a mesma passagem e mudança do Ser no mundo. O rio, é o lugar da passagem, ao futuro fundado, mas que não é o desfecho, porque vive o Ser enquanto estiver Sendo: “O moço compreendeu-se. Aquilo mudava o acontecido.” (*S*, p.118). O acontecido estava para além do rio, entretanto, é do úmido que a alma perfaz-se, em novidade e relação, como declara o narrador: “Da vaca, ele a ela diria: _ ‘É sua’. Suas duas almas se transbordavam? E tudo à sação do ser. No mundo nem há parvoíces: o mel do maravilhoso, vindo a tais horas de estórias, o anel dos maravilhados. Amavam-se.” (*Ibidem*, p. 118)

Referências Bibliográficas:

COUTINHO, Eduardo F. *Grande Sertão: Veredas. Travessias*. São Paulo: Realizações Editora, 2013.

CUNHA, Betina R. R da. *Um tecelão ancestral: Guimarães Rosa e o discurso mítico*. São Paulo: ANNABLUME; Belo Horizonte: FAPEMIG; Araxá, UNIARAXÁ, 2009.

HERÁCLITO. In: *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Organização de Gerd. A. Bornheim. São Paulo: Cultrix, 1998, pp. 35-46.

HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2011.

_____. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback e Posfácio Emmanuel Carneiro Leão. 5.ed. . Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2011.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura*. Petrópolis: Vozes, 1969.

NUNES, Benedito. *Heidegger*. Organização e Apresentação de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

_____. *Bichos, Plantas e Malucos no Sertão rosiano*. In: NUNES, Benedito. *A Rosa o que é de Rosa: Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa*. Victor Sales Pinheiro (Org.). Rio de Janeiro: DIFEL, 2013, pp.279-297.

_____. “A viagem”. In: *O dorso do tigre*. Posfácio de Affonso Ávilla. São Paulo: Editora 34, pp. 167- 172.

ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.